

**O problema da alteridade na teoria da afiliação estudantil**  
**The problem of alterity in theory of student affiliation**  
**El problema de la alteridad en la teoría de la afiliación**  
**estudiantil**

**Sâmnia Rodrigues de Souza**

Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará/CE - Brasil

**Emanuel Meireles Vieira**

Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará/CE - Brasil

**Resumo**

O presente escrito tem por objetivo pensar o espaço destinado à diferença na teoria da afiliação estudantil de Alain Coulon. A condição de diferença aqui é delegada aos estudantes que não conseguem ou possuem dificuldades para se afiliar, dado que a afiliação, para Coulon, é entendida sob aspecto adaptativo. Para construir esta discussão, partimos dos escritos de Emmanuel Lévinas, visto que ele parte do problema da alteridade como um componente fundante da condição humana. Destarte, este trabalho se caracteriza como um estudo teórico. Conclui-se que a teoria da afiliação estudantil visa à substituição do estrangeirismo em favor do alcance do *status* de nativo, evitando a evasão estudantil. Portanto, a discussão proposta por Lévinas sobre a ética e a relação com a alteridade viabiliza enxergar que não há acolhimento da condição de diferença do sujeito, posto que a inserção na universidade implica numa descaracterização do aluno no intuito de alcançar um ideal.

**Palavras-chave:** Universidade, Permanência universitária, Relação estudante-universidade, Alteridade

**Abstract**

This paper aims to think about the space destined to difference in Alain Coulon's theory of student affiliation. The condition of difference here is delegated to students who are unable or have difficulty in affiliating, since Coulon understands it from an adaptive aspect. To build this discussion, we start from Emmanuel Lévinas' writings. He starts from the problem of alterity as a founding component of the human condition. Thus, this work is a theoretical study. It is concluded that the theory of student affiliation aims to replace foreignness in favor of achieving native status, avoiding student evasion. Therefore, the discussion proposed by Lévinas about ethics and the relationship with the otherness shows that there is no acceptance of the subject's condition of difference, since insertion in university requires a de-characterization of the student to achieve an ideal.

**Keywords:** University, University permanence, Student-university relationship, Alterity

**Resumen**

El presente escrito tiene como objetivo pensar el espacio destinado a la diferencia en la teoría de la afiliación estudiantil de Alain Coulon. La condición de diferencia aquí se delega a los estudiantes que no logran o poseen dificultades para afiliarse, dado que la afiliación para Coulon se entiende bajo

un aspecto adaptativo. Para construir esta discusión, partimos de los escritos de Emmanuel Lévinas, visto que él parte del problema de la alteridad como un componente fundamental de la condición humana. Así, este trabajo se caracteriza como un estudio teórico. Se concluye que la teoría de la afiliación estudiantil tiene como objetivo la sustitución del extranjerismo en favor del alcance del status de nativo, evitando la evasión estudiantil. Por lo tanto, la discusión propuesta por Lévinas acerca de la ética y de la relación con la alteridad viabiliza ver que no hay acogida de la condición diferenciadora del sujeto, puesto que, la inserción en la universidad implica una descaracterización del alumno para alcanzar un ideal.

**Palabras - claves:** Universidad; Permanencia universitaria; Relación estudiante-universidad; Alteridad

## 1. Introdução

A vivência universitária<sup>1</sup> é algo que pode ser experienciado de formas diversas, inclusive de modo hostil. Há alguns fatores que podem contribuir consideravelmente para uma vivência difícil, por exemplo, a mudança nos códigos que cercam os processos de aprendizagem, uma eventual saída da casa dos pais para acessar as instituições de ensino e mudanças no ciclo social do sujeito.

Em meio a tantos atravessamentos que permeiam esse campo, há alguns autores que se dispõem a pensar a temática universitária e seus fenômenos. No presente artigo, será dada ênfase à teoria da afiliação estudantil do sociólogo francês Alain Coulon, devido a sua exitosa inserção nas produções acadêmicas brasileiras.

Coulon influenciou a criação dos observatórios da vida estudantil em diferentes universidades (Sposito, Bueno, Teixeira, 2017), com destaque para os trabalhos realizados pelo observatório da vida estudantil (OVE) presente na Universidade Federal da Bahia - Ufba, que possui uma coletânea de livros destinados ao assunto.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte da construção de uma dissertação de mestrado em psicologia, sobre a permanência universitária de estudantes residentes da Universidade Federal do Ceará. A pesquisa em questão recebe o incentivo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes.

Coulon (2008) recorre à etnometodologia para pensar a problemática do fracasso acadêmico presente nas instituições de ensino superior na França.

A Etnometodologia tem como base metodológica a “sociografia” e os experimentos sociais de teste. Com isso, frequentemente se dedica a investigar a racionalidade dos atores sociais no mundo familiar e cotidiano, tendo como objeto a subjetividade destes. “Assim, é pronunciada a realização de etnografias visando à descrição dos processos que levam os indivíduos a tornarem-se membros competentes de uma dada comunidade”. (Mendes, 2020, p.3)

A construção da teoria da afiliação estudantil tem como cenário a expansão do ensino universitário na França. A Universidade Paris 8, instituição escolhida para o desenvolvimento dos estudos de Coulon, procurava flexibilizar suas formas de acesso para além das formas tradicionais existentes.

Desse modo, o autor enfatiza a preocupação com a reforma universitária ocorrida no país, em 1984, que facilitou a entrada de estudantes na vida universitária. Tal reforma implicou na necessidade de discussão de inovações pedagógicas, sobretudo quanto à reorganização curricular em ciclos, blocos de unidades de ensino (disciplinas) e entrevistas de orientação.

O autor lança luz sobre o caminhar acadêmico, em especial a passagem do ensino médio para o ensino superior, no qual deixa claro que a primeira atividade que deve ser realizada pelo aluno é aprender o “ofício de estudante” num processo de afiliação, entendido como “o método através do qual alguém adquire um *status* social novo” (Coulon, 2008, p. 32).

Por conseguinte, essa afiliação vem associada a uma ideia de pertencimento, tornar-se membro nativo de uma nova cultura, no caso, a estudantil. Para isso, o sujeito precisa utilizar estratégias para se familiarizar com o novo ambiente. Esse processo de adaptação é uma constante da vida universitária.

Partindo da referida teoria, um tensionamento se faz presente. Entende-se que a teoria da afiliação estudantil toma os estudantes plenamente adaptados como aqueles que passaram exitosamente pelo processo de afiliação estudantil. Nesse sentido, com base na identificação dos elementos que compõem a afiliação estudantil, o questionamento que permeia a construção deste escrito é: Qual o espaço destinado para a diferença dentro da teoria da afiliação estudantil?

A condição de diferença será aqui delegada àqueles estudantes que não conseguem ou possuem dificuldades de se afiliar e, nesse sentido, fracassam no processo de plena adaptação. Podemos dizer, portanto, que enquanto Coulon (2008) se interessa pelo processo adaptativo decorrente da afiliação estudantil, interessa-nos o lugar do não adaptado, do que não assimila os aspectos presentes na aprendizagem do ofício de estudante.

Spivak (2010) critica os intelectuais pós-coloniais ocidentais (em especial autores europeus) e suas práticas discursivas, que os colocam como soberanos. A autora argumenta que muitas das críticas produzidas na época pós-colonial tentavam manter o indivíduo ocidental como o "Sujeito".

Inspirados por essa análise, expandimos essa discussão para o campo educacional, uma vez que se perpetua um modo de ser estudante, um verdadeiro detentor do saber. Dito isso, a ideia de diferença que fundamenta o questionamento deste texto se ancora no conceito de alteridade presente no pensamento de Emmanuel Lévinas (1980), conhecido como ética da alteridade radical.

Acreditamos que o pensamento do referido autor pode nos auxiliar a compreender essa dinâmica, uma vez que ele parte do problema da alteridade como um componente fundante da condição humana. Seguindo um caminho que se contrapõe à lógica ocidental concretizada na relação sujeito-objeto, o autor constrói uma discussão sobre a relação do eu com o outro que se constitui como diferença, enquanto estrangeiro (Lévinas, 1980).

Desse modo, o presente texto se estrutura, sobretudo, a partir da obra *Totalidade e infinito* (1961/1980), bem como se serve de outros autores que discorrem sobre a filosofia do referido autor. Dado que Lévinas não escreveu, especificamente, um texto voltado para a educação, é importante situarmos de que modo seu pensamento incide sobre os questionamentos ora levantados.

A teoria levinasiana, no presente contexto, funciona como uma lente que fornece subsídios para se pensar um questionamento específico em torno do problema da diferença no processo de afiliação estudantil, como uma provocação, a partir da qual nos propomos a pensar sobre um problema específico, qual seja, o da alteridade no processo de afiliação estudantil.

Este artigo é um estudo de caráter teórico. Não há, pois, na construção deste escrito a intenção de descredibilizar ou diminuir a importância dos estudos

de Coulon para a literatura que se debruça sobre a vida acadêmica. Ao contrário, busca-se, com essa discussão, voltar o olhar para o processo de aculturação estudantil, de modo a enxergar outras questões que possam reverberar na vida universitária.

Desse modo, ancorado na ideia de alteridade radical de Lévinas (1980), o presente estudo visa a lançar luz sobre outro modo de pensar o processo educativo que se mostre aberto às singularidades e à diversidade presentes nesse campo. Ao mesmo tempo, reconhece as lacunas existentes nas teorias pedagógicas ocidentais que constituíram, na maioria das vezes, fundamentos totalitários, preocupados com a unidade, coerência e síntese, destituindo, por conta disso, as contradições que possam vir a existir.

O escrito está organizado de modo a realizar uma breve apresentação sobre as teorias aqui escolhidas. Inicia-se com a teoria da afiliação estudantil, posto que ela servirá de base para se pensar o funcionamento do espaço acadêmico.

Em seguida, introduz-se o que trata a filosofia de Emmanuel Lévinas, com maior foco na relação entre totalidade e infinito, pois ela servirá de lente na construção da discussão do tensionamento que mobiliza a escrita deste artigo e que será mais bem aprofundada em um terceiro tópico.

## **2. A teoria da afiliação estudantil de Alain Coulon**

Para Coulon (2008), ser estudante universitário é ser um estudante de modo profissional. O termo afiliação é associado a uma ideia de pertencimento, um processo de aculturação, que proporciona a passagem do *status* de aluno para o de estudante.

É necessário aprender inúmeros códigos que balizam a vida intelectual e proceder de forma que os professores, que também são seus avaliadores, reconheçam que eles apresentam um domínio suficiente para o exercer. “É preciso exibir suas competências e mostrar que se tornou um “igual”” (Coulon, 2008, p.42). O autor divide o processo de afiliação estudantil em três tempos e em dois tipos.

O primeiro deles se refere ao tempo do estranhamento, no qual o sujeito se depara com a fase de separação em relação ao passado familiar. É quando ocorre o ponto de encontro entre a universidade e o novo estudante. O segundo

momento é citado como o tempo da aprendizagem, em que um processo de aprendizagem complexa se instala, um tempo caracterizado como bastante doloroso e marcado por um sentimento de insegurança e ansiedade.

Por fim, acontece o tempo da afiliação, a passagem definitiva para o seu novo estado. É o manejo relativo das regras, identificado, especialmente, pela capacidade de as interpretar. O estudante afiliado é aquele cuja competência se torna uma rotina, possui todas as características de um membro e desenvolve as tarefas acadêmicas sem estranhamento.

No tocante aos tipos, indica-se que há dois: a afiliação intelectual e a afiliação institucional. A primeira diz respeito à aprendizagem das regras do uso, da construção, da reprodução e da exibição do conhecimento, como, por exemplo, saber quando e como falar ou se calar, bem como se apropriar do vocabulário particular de palavras. As três atividades que fundam a afiliação intelectual são: ler, escrever e pensar.

No que se refere à afiliação institucional, é o processo pelo qual o estudante consegue interpretar, usar e jogar com as regras da instituição, descobrir aquelas que estão escondidas e as utilizar na construção individualizada de seu percurso.

Nessa perspectiva, o estudante demonstra ser de fato afiliado, através de sua competência rotineira em executar atividades acadêmicas sem maiores dificuldades, ganhando, assim, o reconhecimento dos demais membros do meio universitário como nativo dessa nova cultura. No entanto, para além da aprendizagem de códigos e melhor administração do tempo, é preciso também “ser reconhecido como socialmente competente, certificando-se que os saberes que adquiriram foram legitimados” (Coulon, 2008, p 50).

O que o autor conclui é que os que não conseguem fazer a passagem do estatuto de aluno do ensino médio ao de estudante universitário fracassam ou terão seu sucesso acadêmico comprometido. Esses estudantes serão eliminados ou se autoeliminarão por não conseguirem se tornar membros desse novo grupo, mantendo -se, portanto, estrangeiros.

### 3. A “diferença” sob a perspectiva do conceito de alteridade em Emmanuel Lévinas

Antes de aprofundar um pouco mais sobre o que escreve Lévinas, é preciso se fazer valer de uma observação feita por Poirié (2007, p. 10): “Emmanuel Lévinas é um filósofo e deve ser lido como tal, comentado, ‘refletido’”. Reitera-se que é na pretensão de provocar reflexão sobre o espaço destinado ao diferente na teoria da afiliação estudantil, que a escolha pelo referido autor se justifica.

Pivatto (2008) descreve os escritos de Lévinas como apontando para uma sociedade mais justa, plural e pacífica, do ponto de vista do respeito às singularidades. Segundo o autor, o essencial consiste em quebrar a indiferença, o individualismo, reinantes atualmente, afirmados jurídica e filosoficamente e promovidos politicamente. É vislumbrar um desenvolvimento social com base no respeito à alteridade, com responsabilidade e altruísmo.

O autor continua, afirmando que a reflexão trazida por Lévinas abre novas perspectivas sobre os principais problemas do século XX, como a violência, a guerra, a morte do outro e a política como uma nova forma de perpetuar a guerra.

De fato, Lévinas tem a coragem e o cuidado em expor temáticas delicadas, convidando-nos a um processo de reflexão. Dessa maneira, aborda o problema ético através da desconstrução da ontologia. Compreende-se por ontologia uma pressuposição de que eu consigo conhecer o ser e as coisas. Guedes (2007, p. 85, grifo nosso) informa:

Lévinas busca edificar o seu discurso sobre o *ser e de outro modo de que ser* ou mais além da essência fora das categorias ontológicas. Este “estar fora” da ontologia significa uma busca de compreensão do outro, sem lhe atribuir uma série de títulos e definições.

A discussão proposta por Lévinas (1980) rompe com a tradição filosófica ocidental. Não a nega, contudo, aparta-se dela. Tal tradição vem entrelaçada a um ideal de “totalidade” que se emprega por via da ontologia, dado que o conceito de totalidade aqui diz respeito à pretensão do ser de incluir em si toda a realidade e de exercer sobre ela o domínio absoluto.

Em contraponto à totalidade, o autor se utiliza do termo “infinito” para descrever a ruptura dessa totalidade pela aparição do outro, do rosto,



considerado uma "revelação" original da alteridade. No livro *Totalidade e infinito* (1961/1980), o filósofo em questão destaca:

(...) como se a totalidade objetiva não preenchesse a verdadeira medida do ser como se um outro conceito – o conceito de infinito – devesse exprimir essa transcendência em relação à totalidade, não englobável numa totalidade tão original como a totalidade. (Lévinas, 1980, p. 11)

O Outro em Lévinas não parte de Mim, nem de uma necessidade do Eu, como se esse fosse incapaz de ser só. O Outro não é “objeto” de um conhecimento ou esforço da inteligência, mas o desejável, o que suscita o desejo, isto é, o que é abordável por um pensamento que, a todo instante, pensa mais do que pensa. Assim, propõe que, em vez de se ocupar com o Ser, é preciso colocá-lo em questão.

Outrem se apresenta enquanto rosto, não enquanto imagem (mais suscetível à captura), mas na qualidade de significação, expressão e linguagem. A manifestação desse rosto já seria o discurso. Desse modo, o discurso pode ser compreendido não como uma re-flexão do Eu sobre si, mas uma relação do Eu com o que lhe é exterior. A linguagem não é, portanto, “nem uma experiência nem um meio de conhecimento de outrem, mas o local de Encontro com o Outro, com o estrangeiro e o desconhecido do Outro” (Poirié, 2007, p. 21).

Contudo, é preciso dizer que nem todo discurso é uma relação com a exterioridade. Lévinas (1980) alerta para as formas de negar a relação com o Outro, usualmente, discursos autocentrados, que não des-centram o eu no encontro com a diferença, uma espécie de não linguagem.

A forma desse discurso, que não é linguagem por não ser reconhecimento do Outro, Lévinas (1980) identifica como retórica ou dito. “Na retórica, não se aborda o Outro de frente. Trata-se de um exercício que visa [a] suprimir a liberdade do outro, de forma violenta” (Guedes, 2007, p. 105). Ainda sobre a violência para com outrem, o aludido filósofo discorre:

Mas a violência não consiste tanto em ferir e em aniquilar como em interromper a continuidade das pessoas em fazê-las desempenhar papéis em que já não se encontram, em fazê-las trair não apenas compromissos, mas sua própria substância, em levá-las a cometer atos que vão destruir toda a possibilidade de atos. (Lévinas, 1980, p. 9)

Em toda a extensão de *Totalidade e infinito*, Lévinas (1980) trabalha a subjetividade, não de modo a captá-la em seu protesto contra a totalidade, mas



como fundada na ideia de infinito. O infinito se produz na relação do mesmo com o Outro. Ideia consumada na apresentação da subjetividade enquanto acolhimento a outrem.

O autor tece críticas a filosofias ditas ocidentais, ao passo que elas entendem a realidade por si mesma, caracterizando-se enquanto teorias totalizantes, objetivistas, de modo a ser indiferente ao que exacerba o Todo. Nesse fluxo, Lévinas (1980) proporciona um "renascimento do ser", mas um ser destituído de uma soberania e responsável para com Outrem, não no sentido de tutelar o Outro por uma incapacidade dele, mas enquanto uma ética, uma ruptura ao egoísmo ontológico.

Diante do exposto, acreditamos que filosofar através da lente levinasiana permitirá reunir elementos para uma revisão do fazer pedagógico, em vista de uma educação mais propensa à alteridade, mais disposta ao cuidado do Outro, uma vez que:

A crítica levinasiana teve como orientação e meta esse caráter autológico de filosofias que se aprisionaram no movimento de retorno e ocupação com o próprio, com o uno, com o mesmo. "As correntes ou assim chamadas 'tendências pedagógicas' se desenvolveram com os braços dados a essas filosofias". (Guedes, 2007, p. 68)

Desse modo, é possível estender a crítica à teoria da afiliação estudantil, na medida em que ela propõe um único jeito de ser para permanecer nas instituições, dada sua preocupação adaptativa. Por conseguinte, através da relação entre totalidade e infinito, arrisca-se um tensionamento do conceito de afiliação estudantil quanto a sua relação com a alteridade.

Vale dizer que não se trata de um movimento de comparação entre teorias, mas da utilização de um pensamento para questionar outro, na tentativa de pensar criticamente o espaço universitário e a quem ele se destina.

Spivak (2010) alerta para o perigo de se reduzir o outro e o subalterno a meros objetos de conhecimento por parte de intelectuais que buscam falar em nome deles. Seguindo esse pensamento, é na busca dessa transcendência, em meio ao percurso que persegue a afiliação estudantil, que a seguinte discussão será produzida, dado que, em Lévinas (1980, p.36), "pensar o infinito, a transcendência e o estrangeiro não é, pois, pensar um objeto. Mas pensar o que não tem os traços do objeto é na realidade fazer mais ou melhor do que pensar".

#### **4. O lugar destinado ao Outro na teoria da afiliação estudantil**

O principal objetivo dos estudos realizados por Coulon (2008, p.32) é mostrar que “o sucesso na universidade passa pela aprendizagem do ofício de estudante e que a entrada na universidade de nada serve se não for acompanhada por um processo de afiliação, ao mesmo tempo institucional e intelectual”.

Nesse sentido, o autor acompanhou os estudantes ingressantes da Universidade Paris 8, a fim de compreender o caminho para essa afiliação, realizando com eles, entrevistas e lhes fornecendo um diário, para que pudessem descrever a sua rotina na instituição.

Durante sua escrita, aparece como ponto recorrente que, ao fazer a transição do ensino médio para o superior, os alunos enfrentam uma eventual perda das referências habituais. Ou seja, no início desse período, eles não têm um "passado" consolidado.

De fato, quando se menciona esse passado, geralmente, ele se refere às normas do ensino médio. No entanto, ao abordar esse tipo de exigência, abre-se espaço para se considerar a possível perda de outras referências, coisas que são deixadas para trás durante esse processo adaptativo.

Na teoria da afiliação, três pontos se destacam e podem ajudar a entender a problemática envolvendo esse movimento de afiliação: a linguagem, a solidão e o tempo.

A linguagem é uma das ferramentas mais importantes para a integração dos estudantes na universidade. Ter domínio da linguagem acadêmica utilizada nas instituições de ensino superior (IES) ajuda os alunos a se familiarizarem com o funcionamento dos espaços universitários e com a produção acadêmica exigida como parte do processo de afiliação intelectual, conforme descrito por Coulon.

Na etnometodologia, método empregado pelo autor, o conceito de membro se refere ao “domínio da linguagem natural do grupo ou de sua organização, permite compreender a necessidade e as condições dessa passagem para o estado de nativo” (Coulon, 2008, p. 43).

No entanto, o desconforto, por não estarem familiarizados com os jargões universitários, torna-se uma reclamação constante dos alunos escutados por Coulon. Entretanto, o autor se limita a pontuar que o “‘labirinto de palavras’

parece responder ao emaranhado burocrático (...) e que cabe ao estudante tornar coerente os códigos linguísticos rotulados e as instruções a serem colocadas em prática” (Coulon, 2008, p. 52).

É importante dizer que reconhecemos que o autor em questão demonstra um claro interesse em desenvolver estratégias que auxiliem os alunos em sua jornada acadêmica, facilitando a aquisição da linguagem culta da instituição. Para isso, propõe uma pedagogia da afiliação, o que, sem dúvida, é importante.

Contudo, a inserção do sujeito na nova prática discursiva parece exigir uma descaracterização por parte do aluno, ao passo que deixa as suas referências de saber para trás. Chama atenção a falta de acolhimento da singularidade desses atores. Quem lê o referido estudo verifica que não há disposição em saber em que medida a instituição reconhece, valoriza e acolhe os distintos pertencimentos culturais.

A dificuldade em compreender o novo dialeto revela que a universidade, enquanto um mundo, não é acessível a todos, e, por isso, é posto pelo autor como um ofício. Não há interesse em considerar o papel da instituição na recepção desses alunos, e as dificuldades são grandes, não apenas relacionadas à produção de conteúdo intelectual, mas também à compreensão da dinâmica universitária. Por exemplo, os alunos mencionam dificuldades em encontrar informações sobre a montagem de horários, salas de aula superlotadas, informações implícitas e a falta de orientação por parte de professores e funcionários.

De acordo com a teoria da afiliação estudantil, o domínio do discurso erudito lhe permite o encontro com os iguais, sem espaço para a diferença. Para Lévinas (1980), o discurso é local de encontro com a alteridade. A linguagem adquire significado somente quando dirigida a outro, anterior a qualquer regra semântica ou sistema linguístico.

Esse encontro ou comunicação não é, de forma alguma, uma tentativa de tematização, pois sua origem não reside em um Eu ou na consciência, mas sim no Outro. Guedes (2007) observa que a nudez do Outro, conforme discutido por Lévinas (1980), corresponde a essa falta de conteúdo. Assim, o Outro não se manifesta como objeto do conhecimento do sujeito.

Por conseguinte, o discurso, ao manter a distância entre mim e o outro, estabelece uma separação radical que impede a reconstituição da totalidade.. A

nudez expõe a fragilidade existente na comunicação. “O Outro revela-se sem defesa, sem proteção, como algo vulnerável. Isso revela uma expressão sem mediação [em] que a linguagem é a própria significação” (Guedes, 2007, p. 86).

Coulon (2008), por vezes, indica que seu propósito é analisar a massa de estudantes “ordinários” que viram, nessa “democratização” do ensino francês, uma oportunidade de ingressar nas universidades, antes inexistente - estudantes trabalhadores, imigrantes, pessoas que precisaram interromper os estudos. Apesar disso, sua teoria da afiliação estudantil reproduz a cultura estudantil vigente, caracterizada pelo individualismo e pela ênfase exacerbada no que é próprio, relegando o cuidado com o outro a ele mesmo.

O cuidado com o Outro é algo de suma importância nas obras de Lévinas, que se utiliza da ética enquanto ótica para se pensar as relações. Em seus escritos, privilegia a relação do Mesmo para o com Outro, não como uma obrigação, mas como algo que nos antecede.

Relacionar-se aqui não é, de forma alguma, uma questão de igualdade entre os sujeitos envolvidos, é o acolher a alteridade radical, desse Outro que me convoca. “A alteridade, a heterogeneidade do Outro, só é possível se o Outro é realmente outro em relação” (Lévinas, 1980, p. 24). Em síntese, a relação não é o desaparecimento da distância, não é aproximação para captura.

O absolutamente Outro é Outrem: não faz número comigo. A coletividade em que eu digo “tu” ou “nós” não é um plural de “eu”. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum. Nem a posse nem a unidade do número, nem a unidade do conceito me ligam a outrem. A ausência de pátria comum que faz do outro - o Estrangeiro. (Lévinas, 1980, p. 26)

Com base nessa concepção, é fácil perceber a quase inexistência de hospitalidade no ambiente acadêmico. É importante dizer que não há, aqui, a tentativa de responsabilização da universidade na posição de uma entidade, um ser, mas, sim, refletir sobre aquilo que a compõe: pessoas, teorias pedagógicas, valores, que ajudam na manutenção de um espaço, por vezes, excludente. Destaca-se que não existe o intuito de invalidar a teoria da afiliação estudantil, dado que se trata de um recorte intencional dentre as teorias e literaturas existentes sobre a temática universitária.

O sentimento de solidão para com a universidade surge nas falas dos alunos escutados por Coulon, já que eles informam sobre a falta de orientação logo nos primeiros dias na instituição. O acolhimento é resumido como um

Revista Educação Online, Rio de Janeiro, v. 19, n.46, maio-/ago. 2024, p. 1-18

“desastre”. Logo, isso demonstra que a relação com uma instituição cheia de tradições pode produzir sensação de fragilidade frente ao emaranhado burocrático.

A respeito disso, Coulon (2008) pontua que o sentimento de isolamento conduz a um questionamento acerca da própria presença num lugar pouco acolhedor, “onde não se tem amigos, como a facilidade que alguns manifestam podem ser percebidas como uma violência” (Coulon, 2008, p. 79). O referido autor prossegue dizendo:

Intruso designa uma pessoa que entra em algum lugar sem ter direito, sem ter sido convidado ou desejado. Sentir-se intruso é não estar no seu lugar, é sentir-se deslocado estando onde está (...) não entramos na cultura local, continuamos estrangeiros. (Coulon, 2008, p. 174)

Desse modo, reconhece-se a condição de estrangeiro do sujeito, mas não há acolhimento. Em geral, a teoria da afiliação estudantil busca substituir esses estrangeirismos pela obtenção do *status* de nativo. Uma vez dentro dessa nova cultura, é preciso uma homogeneidade entre os membros, incluindo os iniciantes para que ele não fracasse e ocorra a evasão. O movimento de “crescimento”, aqui não é senão a perda das raízes e de suas relações antigas, a perda da camaradagem, um caminhar solitário.

Seguindo pela temática do estrangeirismo, há um tema que é caro à obra leviniasiana: a indiferença frente à violência para com o Outro. Os horrores da guerra, a desvalorização da vida e a existência de outras formas de perpetuar o extermínio do Outro são assuntos levantados no pensamento do autor.

Esse ponto é destacado aqui na tentativa de se pensar num extermínio simbólico proveniente de uma violência institucional nesse movimento de “pertencer”, conforme ocorre em consequência do apagamento de certas identidades. É violenta a ação de uma pedagogia que busca impor ao ser algo que lhe é inadequado. Nesse processo de adaptação, há uma perda de si em busca de um ideal.

O descontentamento dos alunos se expande para a problemática do tempo. A utilização estratégica do tempo aparece interligada com uma melhor construção do currículo (das disciplinas que o estudante irá cursar), assim como reverbera na quantidade de tempo de que o estudante dispõe para permanecer na universidade.

Coulon aponta que os alunos que ficam na universidade apenas durante as aulas têm dificuldade em desenvolver o sentimento de pertencimento necessário para a integração. Desse modo,

Ser um estudante, além de frequentar as aulas e realizar tarefas intelectuais, propriamente ditas, implica [em] se vincular, dialogar, realizar atividades com outros estudantes que permitem a eles reconhecer que enfrentam os mesmos problemas, utilizam as mesmas expressões e partilham o mundo. (Coulon, 2008, p. 109)

Dentro dessa relação com o tempo, alguns alunos possuem maior dificuldade em manejar esse tempo exigido, em especial, os estudantes que trabalham. Eles destacam que a falta de tempo vem a ser o maior inconveniente, acreditando ser essa uma forte desvantagem em relação a outros estudantes. “Não somente lhes falta tempo para ler, escrever e realizar os trabalhos exigidos, como não podem acompanhar todos os cursos que desejam” (Coulon, 2008, p. 118).

À vista disto, torna-se evidente a falta de atenção dada ao sujeito subalterno que ingressa no ambiente universitário, dado que a instituição parece não se interessar pelas necessidades daqueles que não podem dispor desse tempo privilegiado.

É importante ressaltar que, aqui, o termo "subalternidade", conforme definido por Spivak (2010), se refere ao "proletariado" e descreve as "camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão de mercados, representação política e legal, e pela impossibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante" (Spivak, 2010, p. 12).

Materializa-se, por fim, na exigência de vivenciar a universidade ao máximo, mas com uma logística delegada exclusivamente aos alunos, pois se supõe que aqueles que adentram a instituição já possuem todas as ferramentas para desbravar esse novo lugar do saber.

Destarte, a teoria da afiliação, ao promover uma "autonomia do sujeito", acaba por alimentar discursos que resultam em concepções de profissionalismo estudantil de maneira eugênica e em uma igualdade social baseada na exclusão daqueles que não se encaixam.

O sucesso acadêmico é individualizado concomitantemente ao processo de desterritorialização de si conforme o aluno vai se afastando das suas

experiências anteriores. Coulon (2008, p.180) reafirma a necessidade da aprendizagem desse trabalho, no qual “a aprendizagem, tempo do outro com o qual eu quero parecer, anuncia o tempo da afiliação, que será finalmente o que permitirá aprender e compreender” . Esse “outro”, com o qual desejo parecer, não admite uma discussão que vislumbre os aspectos sociais que reverberam na permanência acadêmica.

Em *O ofício de estudante: a entrada na vida universitária* (2017), Coulon discute a "pedagogia da afiliação" através da exposição de casos ocorridos no Brasil. Nesse trabalho, realizado em solo brasileiro, ele propõe um conjunto de atividades que visam a facilitar o engajamento dos estudantes na vida universitária, como um diário de afiliação e cursos de metodologia, com base na experiência da Universidade Paris 8.

Ainda que essas experiências sejam de grande valia, o problema central não é abordado por Coulon. Diz respeito aos conflitos gerados por diferenças que têm, frequentemente, origem em desigualdades de classe, raça e gênero. Logo, mesmo adentrando um espaço marcado pela desigualdade, a teoria segue sem avanços, pois se faz surda àquilo que foge ao escopo em que foi forjada.

Se aprender o ofício de estudante se faz necessário, a quem é dada essa oportunidade? A coleta de informações advindas do corpo estudantil é válida, mas não constitui um fim em si mesmo. Verifica-se uma série de regras implícitas no fazer acadêmico, de modo que nos faz questionar quem preenche o perfil estudantil para os quais essas se revelam.

É de conhecimento que houve mudanças significativas no espaço acadêmico, derivadas do processo de democratização do acesso às IES. Não coincidentemente, há uma maior abertura para dialogar sobre certas temáticas, o que não era possível ou pouco provável há pouco tempo atrás.

Um exemplo disso são os próprios observatórios da vida estudantil nas IES que proporcionam maior visibilidade às discussões sobre a vivência acadêmica. Contudo, há de se admitir a persistência de valores elitistas que podem vir a auxiliar a evasão estudantil.

Como instituição, a universidade reflete os pilares da sociedade na qual está inserida. Nesse sentido, processos de individuação, desresponsabilização para com o outro são algo que seguem reverberando no cotidiano acadêmico.



Edificar o acesso ao saber em regras engessadas quase impenetráveis é limitar o alcance ao conhecimento, bem como a sua construção.

Lévinas (1980) questiona se o ser se reproduz apenas na representação, lugar natural da evidência. E prossegue: “A objetividade seria então a única forma sob a qual o ser se impõe à consciência?” (Lévinas, 1980, p. 28). Portanto, pensar na ideia de infinito, daquele que transborda, nos permite questionar se há outras formas de intelectualidade no campo do saber que não perpassam por ritos postos como caminhos exclusivos.

Refletir, a partir desse entendimento, é poder sair do lugar de falar sobre o outro e passar a falar com o outro, de forma a combater a subalternidade e promover a articulação dos sujeitos subalternos.

## **5. Considerações finais**

Mesmo que Coulon tenha o cuidado e a preocupação de indicar em sua obra o propósito de analisar a massa de estudantes “ordinários”, destaca-se aqui a falta de uma análise de como as relações de subalternidade - dentre as quais, classe, raça, gênero, nacionalidade - se expressam no cotidiano da universidade. Em certa medida, essa omissão é “compreensível”, tomando por base a diferença entre o contexto atual e o momento em que foi escrita sua obra.

Ao nos debruçarmos sobre os aspectos que permeiam a busca por se afiliar à universidade, tomando como base os relatos dos alunos, torna-se evidente que não há uma discussão quanto às limitações e responsabilidades da própria universidade em relação à democratização de seu próprio funcionamento.

Por conseguinte, o processo de aculturação estudantil é marcadamente um desfazer de si para chegar a esse igual imposto. A impossibilidade de se chegar ao status de nativo desta nova cultura que se apresenta imprime àqueles que não o alcançam, a marca do fracasso.

À vista disso, a teoria da afiliação estudantil se torna um terreno fértil para uma reflexão que nos convoca a questionar quais são os atores que compõem esse desejado lugar de saber que é a universidade, visto que é preciso muito mais do que a vontade de permanecer.

É importante dizer que este escrito não partiu de uma ingenuidade de pensar em uma plena liberdade para construir a formação acadêmica como cada

um bem quiser. Contudo, o que permanece enquanto reflexão é de que modo é possível construir o espaço acadêmico que contemple outras formas de existir e aprender.

A forma corajosa com que Lévinas expõe as problemáticas das filosofias que afirmam ter o desejo de pensar no Outro - mas acabam por neutralizar sua alteridade - serviu de lente para identificar um espaço, ainda que mínimo, para o ser diferente na teoria da afiliação estudantil.

Com efeito, o que Lévinas discorre sobre a ética e a relação com o outrem serve como uma luva a essas teorias ditas pedagógicas. Ainda que anunciem a quem se quer escutar, na prática, não há uma verdadeira abertura para o outrem. Em seu discurso, há apenas uma possibilidade de ser que implica na eliminação do "ser estrangeiro", enquanto o aluno se despede do seu passado, deixando para trás tudo aquilo que o constituía enquanto (r)existência até aquele momento.

Ademais, espera-se que essa discussão possa auxiliar a construção de estudos futuros que busquem entender em que medida há verdadeiramente uma abertura a outrem nos espaços acadêmicos, assim como entender outros atravessamentos que cercam a vida universitária.

Espera-se, não somente permanecer no campo da identificação das problemáticas que envolvem essa vivência, mas estimular, ainda que timidamente, a construir movimentos que vislumbram o acolhimento e valorização do sujeito e sua singularidade. Levar essa discussão para o real das relações, com a comunidade acadêmica como um todo, sobretudo àqueles que possuem maior interesse no assunto: os estudantes. É sair da posição de falar sobre o outro para falar em conjunto com o outro.

## Referências

COULON, A. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: Edufba, 2008.

COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. *Educação e Pesquisa*, v. 43, p. 1239-1250, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201710167954> . Acesso em: 10 fev. 2023.

GUEDES, E. C. *Alteridade e diálogo: uma meta-arqueologia da educação a partir de Emmanuel Lévinas e Paulo Freire*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4795/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MENDES, M. T. Crítica ao conceito de afiliação de Alain Coulon: implicações para a permanência estudantil. *Educação em Revista*, v. 36, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-46982222346> . Acesso em: 10 fev. 2023.

PIVATTO, P. S. Entrevista com Pergentino Stefano Pivatto. [Entrevista concedida a] Márcia Junges. *IHU on-line: Revista Do Instituto Humanitas Unisinos*. Ed. 277. 2008. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2227-pergentino-pivatto>. Acesso em: 10 fev. 2023.

POIRIÉ, F. *Emmanuel Lévinas: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPOSITO, M.; BUENO, B. O.; TEIXEIRA, A. M. F. Por uma sociologia dos etnométodos para compreender o mundo da educação: contribuições de Alain Coulon. *Educação e Pesquisa*, v. 43, p. 1253-1268, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022017430400201> . Acesso em: 10 fev. 2023.